

Cuidado ambiental: ponte entre psicologia e educação ambiental?*

José Q. Pinheiro

Thiago F. Pinheiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Cuidado ambiental é termo comum no cotidiano e em atividades como educação ambiental, embora pesquisas psicológicas façam pouco uso do conceito, o que justificou investigar a compreensão popular do termo e analisar suas possíveis relações com indicadores científicos de predisposição pró-ambiental. O questionário aplicado a 355 estudantes universitários da cidade de Natal, RN, de ambos os sexos, continha questões abertas sobre prática pelo respondente de cuidado ambiental e sobre sua disposição pessoal para participar de eventuais campanhas ecológicas futuras, e incluía ainda: Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo, Questionário de Individualismo-Coletivismo, e Inventário Zimbardo de Perspectiva Temporal. As duas formas utilizadas para o relato de cuidado ambiental se mostraram positivamente correlacionados com medidas de ambientalismo ecocêntrico, e negativamente com apatia ambiental e individualismo, evidenciando-se como um importante controle metodológico-conceitual quando se busca a “tradução” de resultados de pesquisas psicológicas para o cotidiano das ações de intervenção e educação ambientais.

Palavras-chave: Cuidado ambiental; comportamento pró-ambiental; conduta sustentável.

ABSTRACT

Environmental care: bridge between psychology and environmental education?

Environmental care is a common sense term, employed in activities such as environmental education, even though psychological research seldom use it, what justified the investigation of popular understanding of the notion and the analysis of its possible relationship with scientific indicators of pro-environmental predispositions. A questionnaire was applied to 355 university students of the city of Natal, RN, of both sexes. It contained open ended questions about practice of environmental care by the respondent and about his/her personal disposition to engage in future ecological campaigns and also included: Scale of Ecocentrism and Anthropocentrism, Individualism-Collectivism Questionnaire and Zimbardo Time Perspective Inventory. Both forms of reporting environmental care showed positive correlation with measures of ecocentric environmentalism, and negative relationship with environmental apathy and individualism, therefore reaching a status of important methodological-conceptual control when one is searching for a “translation” of results of psychological research into day-to-day of actions of environmental intervention or education.

Key words: Environmental care; pro-environmental behavior; sustainable conduct.

INTRODUÇÃO

Cuidado é uma palavra bastante usada no senso comum; as pessoas falam sobre ter cuidado com os filhos, com objetos pessoais, com plantas e animais. Por extensão, o termo *cuidar* também tem sido empregado no contexto de atividades como educação ambiental, para se referir à postura ética e prática que devemos adotar e manter em relação à natureza, ao ambiente, à *espaçonave Terra*, em acepção bastante semelhante à de *proteger*, em seu sentido de proteção ambiental (Boff, 1999; Ministério da Educação, 2005).

No entanto, não encontramos pesquisas em nosso meio que tivessem analisado o uso da noção de *cuidado ambiental* no discurso cotidiano das pessoas. Assim, planejamos esta investigação para verificar a presença e caracterização de *cuidado com o ambiente* no vocabulário empregado pelas pessoas comuns para se referirem às suas práticas de proteção ambiental.

Uma revisão do conceito de cuidado em trabalhos de 35 pesquisadores identificou cinco perspectivas epistemológicas: cuidado como característica humana, como um imperativo moral ou ideal, como afeto, como

relação interpessoal e como intervenção de enfermagem, podendo, ainda, assumir os sentidos adicionais de experiência subjetiva e de resposta física do paciente (Morse, Solberg, Neander, Bottorff e Johnson, 1990).

Uma faceta pouco explorada do cuidado, entretanto, é a que diz respeito aos comportamentos de proteção ao ambiente, o cuidado ambiental. Esse cuidado assume um lugar de inegável relevância no contexto em que vivemos, que pode ser definido como uma situação generalizada de crise das condições ambientais. As características dessa crise – sinais de escassez dos recursos naturais, níveis crescentes de poluição, produção descontrolada de lixo, consumo excessivo de produtos, etc. – podem ser consideradas como consequência do comportamento *descuidado* do homem, de modo que ela é mais bem definida como uma crise comportamental que tem efeitos diretos sobre o meio ambiente, portanto, uma crise humano-ambiental (Pinheiro, 1997; Pol, 1993).

Da literatura dessa área de pesquisa em psicologia, entretanto, essa noção parece estar ausente. O termo *cuidado ambiental* (*environmental care*) não está presente no índice de assuntos das duas edições do *Handbook of Environmental Psychology* (Bechtel e Churchman, 2002; Stokols e Altman, 1987), assim como não é um descritor catalogado no *thesaurus* do banco de dados bibliográfico *PsycINFO*, da *American Psychological Association*. Adicionalmente, a revisão de pesquisas psicológicas sobre comportamento pró-ambiental realizada por Corral (2001) não cita nenhum trabalho em que cuidado ambiental seja o fenômeno em estudo. Nessa mesma obra, cuidado ambiental é apresentado mais como uma consequência caracterizadora do comportamento pró-ambiental, do que como uma denominação genérica de um conjunto de práticas cujo propósito é a proteção ambiental.

Entre os raros pesquisadores que se debruçaram sobre o tema, Hodge (1997) revisou 29 modelos conceituais referentes à relação homem-ecossistema, e concluiu que uma abordagem conceitual que avalie o progresso rumo à sustentabilidade é fundamentada, entre outros aspectos, no cuidado com as pessoas e o com ecossistema. Outro caso isolado é o trabalho de Arp e Howell (1995), que diferenciou, dentro da concepção de *ética do cuidado* aplicada ao ambiente, a preocupação com as questões ambientais e a ação pró-ambiental efetiva. Alguns autores chegaram ao cuidado ambiental partindo de outros temas. É o caso de Brown (2001), que concluiu que objetivos relacionados a atitudes podem ser expressos mais precisamente em termos de cuidado; e de Myers, Saunders e Garrett

(2003), que investigaram a influência da compreensão que as crianças têm das necessidades dos animais para o desenvolvimento de valores relacionados ao cuidado ambiental.

Cuidado ambiental constitui presença em trabalhos que se concentram no aspecto educativo-formativo da área ambiental. *Cuidar do ambiente* é expressão corriqueira em manuais de educação ambiental e em folhetos de campanhas de proteção ambiental, fazendo supor que as pessoas compreendem e utilizam o significado contido na expressão.

Por outro lado, é reconhecida a dificuldade de “tradução” dos resultados de pesquisa psicológica nessa área em forma de subsídios para a intervenção ambiental, em geral, e para a educação ambiental, em particular. Cuidado ambiental parece ser um elemento presente na maneira das pessoas pensarem e agirem em relação ao ambiente, mas praticamente ausente como categoria estudada em pesquisas que visam compreender os posicionamentos pró- ou antiambientais das pessoas. O aproveitamento dos resultados de pesquisa possivelmente seria otimizado se essa distância fosse diminuída, se os relatos de investigação fossem codificados mais de acordo com o vocabulário dos usuários finais dessa informação.

Pareceu-nos que uma das formas de se lograr tal propósito seria aproximar os conceitos tradicionalmente empregados nas pesquisas psicológicas da área à noção de cuidado ambiental, tal como entendida e utilizada pela população em geral. Com esse objetivo geral em mente, usamos parte de um projeto de pesquisa mais amplo (Pinheiro, 2005a) para explorar o relacionamento potencial entre as respostas espontâneas sobre cuidado ambiental praticado pelos participantes e seus resultados em um instrumento de avaliação das predisposições ambientais, a *Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo*, de Thompson e Barton (1994). Nesse mesmo projeto, analisávamos a possível relação entre os ambientalismo ecocêntrico e antropocêntrico e indicadores de Individualismo-Coletivismo (Gouveia, Guerra, Martínez e Paterna, 2004) e de Perspectiva Temporal de Futuro (Zimbardo e Boyd, 1999), relações essas que constituem importantes pressupostos da noção de conduta sustentável (Corral e Pinheiro, 2004; Pol, 2002; Schmuck e Schultz, 2002).

A investigação, portanto, configurava um estudo exploratório com propósitos heurísticos, que buscava estabelecer paralelos entre a noção de cuidado ambiental de senso comum e indicadores de comportamento pró-ambiental e de conduta sustentável, característicos da pesquisa científica em Psicologia.

MÉTODO

Participantes

Tomaram parte no estudo 355 alunos de diversos cursos universitários, com idade média de 22,75 anos ($DP = 5,05$), a grande maioria de solteiros (87,3%), sem filhos (91,5%), sendo 229 mulheres (64,5%) e 126 homens (35,5%). Os alunos de universidade pública constituíram maioria (87,9%), assim como os que haviam estudado em escolas particulares antes de ingressarem na universidade (72%). A Tabela 1 apresenta a relação entre essas duas distribuições, que reproduz um conhecido desequilíbrio da realidade educacional de nosso país.

TABELA 1

Relação entre o tipo de universidade em que estuda e o tipo de escola em que estudou antes da universidade por mais tempo

Tipo de universidade	Tipo de escola em que mais estudou		Total
	Pública	Particular	
Pública	98	213	311
Particular	0	43	43
Total	98	256	354

Instrumentos

O questionário utilizado continha duas perguntas abertas que tratavam de cuidado ambiental e servem de base a este relato. A primeira (*deixar contato*) investigava o interesse do respondente em participar de uma campanha ecológica que poderíamos vir a desenvolver, de forma que sua resposta, caso afirmativa, contivesse um meio para fazermos contato (número de telefone, endereço de correio eletrônico, etc.). Na outra (*prática de cuidado*), perguntávamos se o respondente praticava (ou já tinha praticado antes) alguma atividade de cuidado ambiental; e, em caso afirmativo, pedíamos uma descrição sumária dessa prática.

Havia uma terceira questão aberta, que solicitava do respondente sua definição de desenvolvimento sustentável, cuja análise mereceu comunicação específica, em relato separado (Pinheiro et al., 2005).

Faziam parte do projeto mais amplo as escalas já mencionadas, que já contavam com trabalhos anteriores de validação cultural: a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (E&A; Thompson e Barton, 1994; Pinheiro, Maux e Nunes, 2000; Pinheiro et al., 2005), o Inventário Zimbardo de Perspectiva Temporal (IZPT; Zimbardo e Boyd, 1999; Pinheiro, 2005a; Pinheiro, 2005b) e a Escala de Individualismo-Coletivismo (I&C, cf. Gouveia et al., 2004).

A Escala E&A contém 33 itens em formato likert (cinco níveis de resposta) e contempla três dimensões para a postura em relação ao ambiente: Ambientalismo Ecocêntrico, em que se atribui valor intrínseco à natureza; Ambientalismo Antropocêntrico, em que o interesse pela natureza decorre do proveito humano; e Apatia Pró-ambiental, expressão de indiferença em relação às questões ambientais.

O IZPT compreende 56 itens em formato likert (cinco níveis de resposta) e inclui cinco fatores (ou escalas) de perspectiva temporal: Passado Negativo, Passado Positivo, Presente Hedonístico, Presente Fatalístico e Futuro. No presente relato, apresentamos apenas os resultados da escala de perspectiva temporal de futuro, uma vez que é empregada aqui como um indicador de propensão à conduta sustentável.

A Escala I&C, com 16 questões estilo likert (sete níveis de resposta), identifica as dimensões de individualismo e coletivismo presentes nas respostas dos participantes.

As questões sociodemográficas correspondiam a informações pessoais como idade, gênero, estado civil e número de filhos, além da área de formação profissional e do tipo de escola (pública ou privada) em que o participante estudara antes da universidade.

Procedimento

Uma carta explicativa sobre o projeto era entregue para coordenadores de cursos e/ou professores, como parte do processo de obter autorização para coleta de dados. Uma vez assegurada tal permissão, os membros de nossa equipe compareciam à sala de aula no horário marcado com o/a professora/a, e apresentavam objetivos e instruções gerais, esclarecendo que responder ao questionário era ato voluntário, não-relacionado ao acompanhamento ou avaliação do desempenho acadêmico no curso ou disciplina, e que a concordância deles em participar seria considerada como seu consentimento livre e esclarecido. As eventuais dúvidas eram esclarecidas e dava-se início ao preenchimento individual dos questionários, recolhidos por nossa equipe ao final da aplicação.

As respostas às questões abertas foram transcritas para um arquivo de texto, visando facilitar a análise de seu conteúdo (Sommer e Sommer, 1997). Os dados sociodemográficos e as respostas às escalas tipo likert foram lançados em planilha eletrônica de dados e analisados por meio do programa estatístico *SPSS for Windows*.

As respostas de cuidado ambiental foram comparadas à pontuação do participante nas escalas mencionadas acima. Nossa intenção era verificar se havia correspondência entre a manifestação verbal espontâ-

nea dos respondentes – tanto à questão sobre a prática de cuidado ambiental como à que pedia um meio de contato – e os indicadores de comportamento pró-ambiental (escala E&A), de perspectiva temporal de futuro (IZPT) e de individualismo-coletivismo (I&C), em busca da validação convergente do construto de cuidado ambiental. A análise de dados envolveu técnicas estatísticas de análise univariada (média, desvio-padrão, etc.), análise de frequência cruzada (teste de qui-quadrado de tabelas de contingência) e comparação de médias (teste *t*).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de 355 universitários participantes, 189 (53%) afirmaram praticar atividades de cuidado ambiental, tendo acrescentado descrição da prática realizada.

Não encontramos diferenças em cuidado ambiental para o fato de o respondente ter estudado em escola pública ou privada, da mesma forma que oferecer, ou não, uma definição de desenvolvimento sustentável não teve nenhum tipo de associação com realizar práticas de cuidado.

Como é o cuidado com o ambiente?

O exame dos relatos de atividades de cuidado ambiental fornecidos pelos respondentes permitiu verificar como eles realizam esse cuidado, quais atividades representam seu cuidado com o ambiente e quais práticas lhes ocorrem quando pensam nessa questão.

Os relatos obtidos ($N = 316$ respostas, considerando que alguns respondentes citaram mais de uma atividade) foram categorizados de acordo com o levantamento de Corral (2001) dos principais comportamentos pró-ambientais. Desse modo, foram agrupados nas seguintes categorias: *diminuição do consumo de recursos*, *reuso de produtos*, *prática de compostagem*, *prática de reciclagem*, *diminuição do lixo*, *controle do lixo e estética ambiental* (limpeza e não-poluição de vias públicas e ambientes particulares), *economia de energia elétrica*, *diminuição do uso de transporte privado*, *economia de água*, *pressão legislativa*, *vínculo a associações ecologistas* e *preservação de ecossistemas*.

Além disso, foram relatadas atividades não listadas por Corral, dando origem a duas novas categorias: *conscientização ambiental*, que se refere ao ato de tentar conscientizar outras pessoas a respeito das questões ecológicas, por meio de palestras ou conversas informais e cotidianas; e *pesquisa em ecologia*, que abrange trabalhos acadêmicos e assemelhados, cujo objeto de investigação é a relação do homem com o meio ambiente. As duas categorias seriam esperáveis, se considerarmos que podem estar relacionadas às atividades de educação ambiental, comuns no contexto acadêmico em que foi realizada a pesquisa.

A Figura 1 mostra a ocorrência porcentual dos comportamentos pró-ambientais relatados, destacando as duas ocorrências não mencionadas no trabalho de Corral (2001).

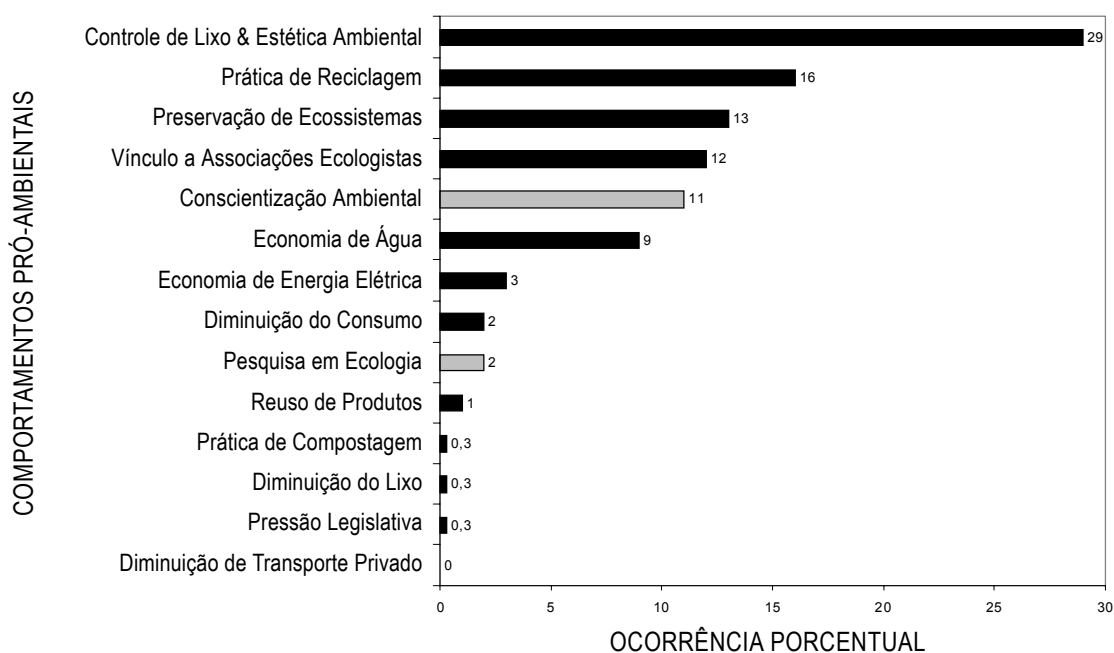


Figura 1 – Frequências porcentuais da ocorrência das categorias de cuidado ambiental.

Embora a grande maioria dos comportamentos citados na literatura (11 dos 12) tenha sido encontrada nos relatos, apenas cinco desses comportamentos tiveram expressão digna de nota: Controle de lixo e estética ambiental (29%), Prática de reciclagem (16%), Preservação de Ecossistemas (13%), Vínculo a associações ecologistas (12%) e Economia de água (9%). Os cinco, acompanhados de Conscientização ambiental (11%), configuram o grupo das seis atividades mais lembradas.

Os relatos concentraram-se nas práticas relacionadas ao lixo. Controle de lixo e estética ambiental e Prática de reciclagem, juntas, correspondem a 45% do total de respostas, o que mostra a popularidade dessa temática, seja porque é percebida e lembrada com frequência pelos participantes, e/ou porque é de fácil menção como exemplo de cuidado ambiental praticado. Essa popularidade contrasta com a baixíssima ocorrência de Diminuição do consumo (2%) e Diminuição do lixo (0,3%). A contradição aponta para uma provável limitação na percepção e na divulgação dos problemas relacionados ao lixo e das formas de combatê-los. Podemos encarar como reflexo dessa limitação o fato de a maioria dos respondentes só perceber que é necessário não sujar vias públicas ou ambientes privados, ou até reciclar o lixo produzido, sem atentar, no entanto, para a contribuição da grande produção de lixo para o agravamento da questão. Ao mesmo tempo, é razoável supor influência da mídia, na medida em que os bem lembrados pelos respondentes comparecem nos veículos, os outros dois não; exemplo disso é o fato de as campanhas de reciclagem e de separação de lixo nunca (ou raramente) fazerem alusão à diminuição do consumo.

Um resultado isolado que se destacou foi a baixa ocorrência de Economia de energia elétrica (3%). Considerando o recente contexto de escassez desse recurso no Brasil (segundo semestre de 2002) e a exigência feita à população de economizá-lo – o que incluiu ameaças de multa e de “apagão” – esperávamos que os respondentes lembrassem mais dessa prática. Possivelmente aquelas campanhas não chegaram à sua consciência ecológica, e/ou só vincularam, na conta mensal de energia elétrica, a economia desse recurso à economia de dinheiro, desperdiçando uma excelente oportunidade de incentivar esse tipo de cuidado ambiental. A apropriação pelos participantes da preocupação com Economia de água (9%) sugere que tal compromisso é possível, ainda que pareça pouco provável.

Questionamo-nos ainda a respeito da ausência de exemplos que tratassem da Diminuição do uso de transportes privados. É crescente o número de automóveis na frota das grandes cidades brasileiras, assim

como aumenta a poluição pela queima de combustíveis. Será que os universitários deste estudo não estão atentos a esse problema? Ou não cogitam sacrificar um dos bens considerados essenciais à vida urbana contemporânea?

Como o cuidado ambiental é mencionado?

Analisamos o conteúdo dos relatos, a fim de compreender de que maneira foram mencionadas as atividades apontadas como cuidado. Investigando se a forma como foi descrita a atividade revela as características da prática, agrupamos as respostas de acordo com alguns critérios que pareceram relevantes. As frequências percentuais que apresentamos a seguir tomam por base o total de respondentes e não totalizam 100%, uma vez que alguns deles ofereceram mais de uma resposta, enquadrando-se, portanto, em mais de uma categoria.

Separamos as respostas quanto a terem sido escritas como afirmação ou negação. As seguintes frases são exemplos dessas formas de resposta, respectivamente:

Sempre me preocupo em jogar as coisas no lixo. Quando não tem uma lixeira próxima guardo os papéis na bolsa e jogo quando chego em casa. Não jogo lixo nas ruas.

Observamos que 88% dos respondentes usaram a forma afirmativa e 39% a forma negativa. As frases afirmativas apresentam ações que parecem ser mais espontâneas, ao passo que nas negativas sobressai um caráter de evitação ou proibição da ação. O dado mais expressivo foi obtido quando analisamos as respostas negativas separadamente. Percebemos que essas respostas constituem a quase totalidade (96%) dos relatos de Controle do lixo e estética ambiental. Encontramos aí uma clara e valiosa caracterização das práticas de proteção ambiental: as pessoas estão mais preocupadas em *não realizar* uma ação antiecológica (por ser socialmente condenada) do que em realizar uma atividade de proteção ambiental, evidenciando o peso da norma social e da base moral desse comportamento.

Distinguímos também as atividades realizadas segundo o cenário em que ocorria a ação: individualmente, em grupo ou em contexto institucional, conforme mostram os seguintes exemplos:

Eu tento manter os ambientes em que freqüento da mesma forma que eu os encontrei, ou seja, limpo tudo o que sujar.

Em minha casa nós armazenamos água da chuva para lavar a calçada ou pisos e separamos o lixo. Junto com uma escola de educação infantil em que trabalhei, fiz coleta de lixo na praia.

As atividades individuais (63% dos casos) e as grupais (20%) tendem a ser mais espontâneas do que as atividades institucionais (16%). A expectativa social pode ser a justificativa das ações da maioria das pessoas do último grupo, comprometendo a espontaneidade, atributo essencial para que um comportamento seja considerado pró-ambiental, já que a definição de comportamento pró-ambiental exclui ações involuntárias, forçadas ou circunstanciais (Corral, 2001). Talvez essas pessoas estejam mais preocupadas com a nota do trabalho escolar que envolve a experiência ecológica, ou com a impressão (negativa) que os colegas poderão ter dela se ela não participar da atividade promovida pela instituição, do que com a atividade de cuidado ambiental propriamente dita.

Quem cuida do meio ambiente e deixa contato?

A relação entre prática de cuidado ambiental e gênero dos respondentes se encontra expressa na Tabela 2, na qual é possível observar que mais da metade das mulheres (57%; 130/229) afirmou cuidar do ambiente, ao passo que uma parcela menor de homens (47%; 59/126) o fez, fato que parece endossar os estereótipos sociais sustentados por argumentos biológicos e históricos de que ao gênero feminino cabe a responsabilidade do cuidado, mesmo que esse efeito seja pouco pronunciado ($\chi^2 = 3,22$; $p < 0,072$).

TABELA 2
Relação entre manifestação de cuidado ambiental e gênero do respondente

	Mulheres	Homens	Total
Cuidado			
Não	99	67	166
Sim	130	59	189
Total	229	126	355

Quando consideramos apenas as respostas afirmativas de cuidado, em particular, é possível verificar que a maior quantidade de mulheres dizendo *sim* (130/189, ou 68,8%) é praticamente equivalente à proporção desse grupo no total de respondentes (229/355, ou 64,5%). Informações disponíveis na literatura a respeito da influência do gênero no exercício da proteção ambiental dão conta que essa influência pode ser diferente para conhecimento (prevalência masculina) e reação afetiva (feminina), além de poder ser mediada por fatores como participação na força de trabalho, paternidade/maternidade, entre outros (ver Corral, 2001, pp. 157 e seguintes, para uma revisão desses estudos). Assim, a ligeira preponderância de mulheres

nas respostas de cuidado ambiental deve ser interpretada com cautela.

Na outra pergunta relativa a cuidado ambiental, que indagava se o respondente se dispunha a participar de uma campanha ecológica futura, foram 214 (60%) os respondentes a mostrarem tal interesse, deixando um meio para contato. Na Tabela 3 apresentamos a distribuição das respostas de deixar contato pelo gênero do participante, na qual se verifica que a determinação dessa resposta pelo gênero é praticamente inexistente ($\chi^2 = 0,047$; $p < 0,829$).

TABELA 3
Relação entre deixar forma de contato e gênero do respondente

	Mulheres	Homens	Total
Deixou contato?			
Não	90	51	141
Sim	139	75	214
Total	229	126	355

Quem pratica cuidado e deixa contato mostra compromisso ambiental?

Para comparar as respostas de prática de cuidado e de deixar contato, produzimos a Tabela 4, na qual se destaca o subgrupo que respondeu afirmativamente às duas questões ($n = 134$). Como se observa na referida tabela, a grande maioria das pessoas que disseram cuidar do ambiente (71%) deixou uma forma de contato; assim como 63% dos que deixaram contato disseram cuidar do ambiente.

TABELA 4
Relação entre ter cuidado com o ambiente e deixar forma de contato para campanha futura

Pratica cuidado?	Deixou contato		Total
	Não	Sim	
Não	86	80	166
Sim	55	134	189
Total	141	214	355

Além de o cruzamento das duas distribuições ter evidenciado diferenças significativas ($\chi^2 = 19,032$; $p < 0,000$), chama a atenção o fato de que cada uma das quatro células contém frequência expressiva de respostas, fazendo supor que há, em cada caso, tipologia diferenciada da forma dos respondentes cuidarem do ambiente.

Assim, pareceu-nos interessante verificar a correspondência de cada um desses quatro tipos com as demais medidas utilizadas. Para isso, o primeiro passo foi criar uma variável com esses quatro níveis de resposta, como se observa na Tabela 5.

TABELA 5
Os quatro níveis de resposta da variável composta
Cuidado × Contato

Níveis de Cuidado × Contato	n	%
0 (Cuid = N e Cont = N)	86	24,2
1 (Cuid = S e Cont = N)	55	15,5
2 (Cuid = N e Cont = S)	80	22,5
3 (Cuid = S e Cont = S)	134	37,7
Total	355	100,0

De posse dessa variável composta, foi possível calcular a média das demais medidas (empregadas no projeto mais amplo) para cada um de seus níveis, conteúdo que é exposto na Tabela 6. Com base nos pressupostos teóricos de cada uma dessas escalas, esperávamos uma associação positiva (direta) das duas medidas de cuidado ambiental: (a) com os ambientalismos ecocêntrico e antropocêntrico (E&A; Thompson e Barton, 1994); (b) com a perspectiva temporal de futuro (IZPT; Zimbardo e Boyd, 1999) e com os indicadores de coletivismo (I&C; Gouveia et al., 2004). Ao mesmo tempo, supúnhamos associação negativa com variáveis de sentido contrário: apatia pró-ambiental (E&A) e individualismo (I&C).

Como se pode verificar, as diferenças entre médias foram significativas para três medidas indicadas

na tabela. As pessoas que não manifestaram prática de cuidado pelo ambiente nem deixaram uma forma de contato (N-N) produziram: (a) uma média de ambientalismo ecocêntrico significativamente mais baixa do que os outros três grupos; e (b) uma média de apatia pró-ambiental mais alta do que os grupos que manifestaram cuidado ambiental, isoladamente (S-N) ou em conjunto com deixar contato (S-S). Ambos os casos confirmam a expectativa teórica deste estudo, uma vez que não praticar cuidado nem deixar contato (N-N) se mostrou associado a baixos níveis de ambientalismo ecocêntrico e alta apatia.

Embora a sub-escala de coletivismo não tenha evidenciado diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, a sub-escala de individualismo o fez para os dois grupos extremos (N-N > S-S), além de todas as diferenças entre suas médias terem sido na direção esperada. Ou seja, pessoas que praticam cuidado e deixam contato são *menos* individualistas, constatação que também se dá na direção conceitualmente esperada.

Concluindo o exame da referida tabela, verifica-se que as médias da escala de perspectiva temporal de futuro praticamente não evidenciaram diferenças, ocorrendo, na verdade uma igualdade entre os valores dos grupos extremos (N-N = S-S). Ainda que a perspectiva de futuro seja teoricamente associável à conduta pró-ambiental sustentável, essa associação não se verificou neste estudo, seja porque a mensuração de perspectiva de futuro pelo IZPT (Zimbardo e Boyd, 1999) não é adequada aos propósitos pretendidos e/ou porque as manifestações de cuidado ambiental dos respondentes não apresentam características de conduta sustentável, especialmente de preocupação com as gerações futuras (solidariedade intergeracional).

TABELA 6
Médias das variáveis para cada nível da variável composta Cuidado × Contato

Instrumentos (escalas)	Médias para níveis de Cuidado S/N × Contato S/N			
	0 (N-N)	1 (S-N)	2 (N-S)	3 (S-S)
E&A: Ambientalismo Ecocêntrico (1-5)	3,60 ^{abc}	3,94 ^a	4,03 ^b	4,10 ^c
E&A: Ambientalismo Antropocêntrico (1-5)	3,69	3,74	3,80	3,67
E&A: Apatia pró-ambiental (1-5)	2,08 ^{de}	1,75 ^d	1,89 ^f	1,67 ^{ef}
I&C: Coletivismo (1-7)	5,64	5,66	5,84	5,70
I&C: Individualismo (1-7)	4,58 ^g	4,50	4,49	4,22 ^g
IZPT: Perspectiva de Futuro (1-5)	3,80	3,81	3,88	3,80

^a 3,60 < 3,94 ($t = -2,814$; $gl = 125,994$; $p < 0,006$)

^b 3,60 < 4,03 ($t = -3,817$; $gl = 163,986$; $p < 0,000$)

^c 3,60 < 4,10 ($t = -4,890$; $gl = 172,680$; $p < 0,000$)

^d 2,08 > 1,75 ($t = 3,776$; $gl = 131,864$; $p < 0,000$)

^e 2,08 > 1,67 ($t = 5,359$; $gl = 165,699$; $p < 0,000$)

^f 1,89 > 1,67 ($t = 2,757$; $gl = 153,845$; $p < 0,007$)

^g 4,58 > 4,22 ($t = 2,697$; $gl = 184,237$; $p < 0,008$)

Na medida em que o propósito deste estudo era contribuir para a validação do construto de cuidado ambiental, parece conveniente explorar melhor as associações com ambientalismo ecocêntrico e apatia pró-ambiental estabelecidas acima.

Vimos que praticar cuidado ambiental e/ou deixar contato estão positivamente associados a valores mais elevados na medida de ambientalismo ecocêntrico. Embora não se possa excluir a possibilidade de que todas essas medidas estejam sob influência da deseabilidade social, esse resultado sinaliza que ambas as formas investigadas de cuidado ambiental (praticar cuidado e deixar contato) contêm elementos em comum com ambientalismo ecocêntrico, o que é mais bem visualizado na Figura 2.

É possível que a influência da deseabilidade social em deixar contato seja maior do que em descrever o tipo de cuidado praticado. Afinal, é esperável que jovens universitários se disponham a participar de campanhas ecológicas, mas talvez nem todos tivessem exemplos de cuidado ambiental praticado para descrever.

Essa diferença no significado de praticar cuidado e deixar contato fica ainda mais clara na análise das médias de apatia pró-ambiental (Figura 3).

As diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 6) indicaram o grupo N-N com maior grau de apatia pró-ambiental do que os grupos que responderam *sim* à prática de cuidado (S-N e S-S), e também que o grupo N-S é mais apático que o S-S. Esses resultados sinalizam que praticar cuidado é (para as três diferenças mencionadas) mais decisivo em diferenciar as pessoas ambientalmente apáticas do que deixar contato. Em outras palavras, deixar contato não eliminaria a possibilidade de o respondente ser ambientalmente apático, mas relatar a prática de cuidado eliminaria tal possibilidade. Ainda que isso pareça óbvio, face à própria natureza dos itens em questão, a obtenção de relatos espontâneos de prática de atos de proteção ambiental pode acrescentar um controle metodológico-conceitual importante quando se busca a “tradução” dos resultados de pesquisas psicológicas para o cotidiano das ações de intervenção e educação ambientais, propósito básico deste estudo. Além disso, as duas formas utilizadas para o relato de cuidado ambiental se mostraram de graus e significados distintos, com diferentes níveis de compromisso pessoal. Afinal, deixar contato não implica necessariamente em que o indivíduo vá, de fato, “por a mão na massa”; enquanto a descrição da forma de cuidado praticado pressupõe que isso já ocorreu na vida da pessoa.

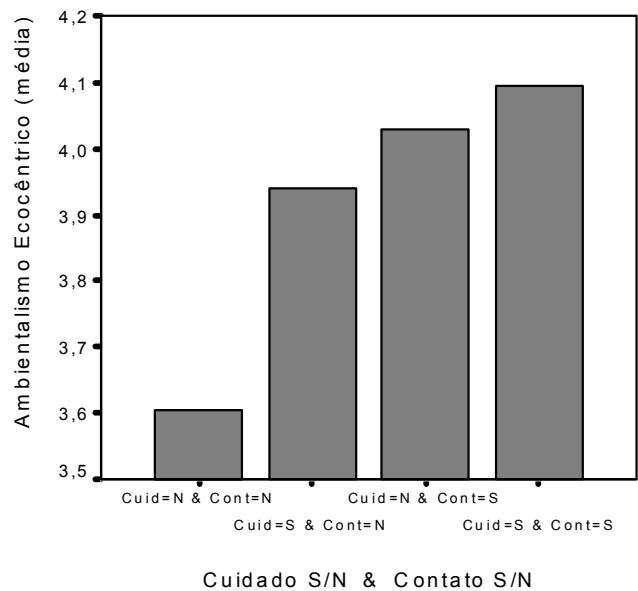


Figura 2 – Médias de ambientalismo ecocêntrico para os grupos de Cuidado × Contato

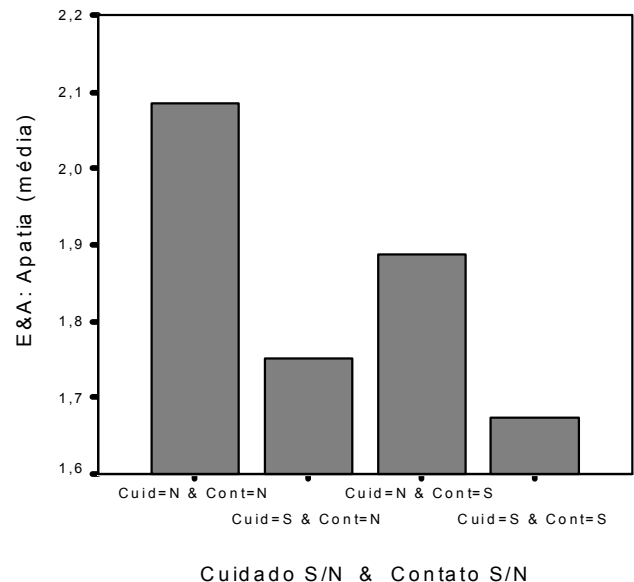


Figura 3 – Médias de apatia pró-ambiental para os grupos de Cuidado × Contato

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira constatação deste estudo é de que a idéia de cuidado ambiental faz sentido para pelo menos 189 estudantes universitários (53%), que responderam afirmativamente à questão sobre a prática de alguma forma de cuidado. Como não observamos nenhuma ocorrência de incompreensão do enunciado desse item, mesmo entre os que não forneceram exemplos de cuidado ambiental praticado, é possível supor que essa compreensão seja majoritária, se não integral.

Uma vez que *cuidado ambiental* não é um construto *preciso*, no sentido de se referir a um tipo específico de comportamento pró-ambiental, as atividades descritas pelos respondentes sob esse rótulo geral foram variadas, mas puderam ser classificadas de acordo com tipologia disponível na literatura (Corral, 2001). Em outros grupos culturais, é possível que outro termo deva ser empregado para suscitar uma resposta espontânea do respondente sobre suas práticas de proteção do ambiente. De qualquer modo, os resultados obtidos sugerem que mais estudos na direção aqui adotada merecem ser realizados. Devido à popularidade e valorização globais da temática pró-ecológica, será sempre conveniente levar em conta a expectativa social envolvida. Ao mesmo tempo, considerar os vieses inerentes a dados oriundos de auto-relato (Corral e Pinheiro, 1999) constitui precaução importante.

Coerentes com uma estratégia multimétodo (e.g., Brewer e Hunter, 1989; Sommer e Sommer, 1997; Uzzell e Romice, 2003), procuramos a triangulação instrumental visando validar o construto de cuidado ambiental. Pretendíamos explorar as possíveis relações desse relato espontâneo dos participantes com medidas bem estabelecidas de predisposições pró-ambientais, e de dimensões relacionadas, como perspectiva temporal de futuro e individualismo-coletivismo. Embora diferenças significativas só tenham ocorrido para ambientalismo ecocêntrico, apatia pró-ambiental e individualismo, em todos os casos relacionados a esses instrumentos o grupo N-N (sem prática de cuidado e sem deixar contato) teve escore posicionado conforme as expectativas teóricas, o que reforça ainda mais o valor heurístico e instrumental da noção de cuidado ambiental.

Convém enfatizar que as associações observadas colocaram em relação respostas múltiplas a construtos medidos por escalas formais com o conteúdo de relatos espontâneos do participante sobre seu comportamento pró-ambiental “real”.

Vimos que as questões sobre descrever o cuidado ambiental praticado e deixar contato fizeram sentido para o respondente deste estudo e foram validadas em relação àqueles instrumentos. Pesquisas que venham a utilizar estratégia semelhante no futuro deveriam procurar aperfeiçoar os recursos aqui empregados, visando diminuir a conhecida discrepância entre o comportamento pró-ambiental e suas medidas predisposicionais. Talvez, assim, a pesquisa psicológica do comportamento pró-ambiental possa mais bem servir às intervenções socioecológicas, como no caso da educação ambiental.

REFERÊNCIAS

- Arp, W., & Howell, C. (1995). Black environmentalism and gender differences: an ethics of care? [Resumo]. *Western Journal of Black Studies*, 19, 4, 300-305.
- Bechtel, R. B., & Churchman, A. (Orgs.). (2002). *Handbook of Environmental Psychology*, (2ª ed.). Nova York: Wiley.
- Boff, L. (1999). *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes.
- Brewer, J., & Hunter, A. (1989). *Multimethod research: a synthesis of styles*. Thousand Oaks, Califórnia: Sage.
- Brown, G. R. (2001). Habitat workshops: knowledge, care and practice [Resumo]. *Dissertation Abstracts International-Section A: Humanities and Social Sciences*, 61, 7-A, 2571.
- Corral, V. (2001). *Comportamiento proambiental: una introducción al estudio de las conductas protectoras del ambiente*. Santa Cruz de Tenerife: Resma.
- Corral, V., & Pinheiro, J. Q. (1999). Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. *Estudos de Psicologia*, 4, 1, 7-22.
- Corral, V., & Pinheiro, J. Q. (2004). Aproximaciones al estudio de la conducta sustentable. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 5, 1/2, 1-26.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Martínez, M. C., & Paterna, C. (2004). O individualismo e o coletivismo como explicadores do preconceito frente aos negros. In M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.). *Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas* (pp. 161-182). Salvador: EDUFBA.
- Hodge, T. (1997). Toward a conceptual framework for assessing progress toward sustainability [Resumo]. *Social Indicators Research*, 40, 1-2, 5-98.
- Ministério da Educação/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/SECAD – Coordenação Geral de Educação Ambiental/CGEA). (2005). *Educação Ambiental*. Documento obtido em 13/dezembro/2005, de <http://portal.mec.gov.br/secad/index.php>, produzido em 23/setembro/2004 e atualizado em 22/novembro/2005.
- Morse, J. M., Solberg, S. M., Neander, W. L., Bottorff, J. L., & Johnson, J. L. (1990). Concepts of caring and caring as a concept [Resumo]. *Advances in Nursing Sciences*, 13, 1, 1-14.
- Myers, O. E. J., Saunders, C. D., & Garrett, E. (2003). What do children think animals need? Aesthetic and psycho-social conceptions [Resumo]. *Environmental Education Research*, 9, 3, 305-325.
- Pinheiro, J. Q. (1997). Psicologia ambiental: a busca de um ambiente melhor. *Estudos de Psicologia*, 2, 2, 377-398.
- Pinheiro, J. Q. (2005a). *Perspectiva temporal e conduta sustentável*. Relatório de pesquisa não-publicado, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Pinheiro, J. Q., Matias, H. J. D., Cortez, A. B. B., Pinheiro, T. F., Gurgel, F. F., & Link, M. O. (2005). Exploração das definições de desenvolvimento sustentável de estudantes universitários e análise da relação entre seus temas, variáveis sociodemográficas e compromisso pró-ecológico [Resumo]. In Comissão Organizadora (Org.), *Anais do 17º Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*. Salvador: Departamento de Psicologia da Universidade Federal Bahia e Conselho Regional de Psicologia – CRP-03 (Bahia e Sergipe). Disponível no endereço: http://www.conpsi.psc.br/modulos/programacao/pro_visualiza_atividade.asp?ati_codigo=4245
- Pinheiro, J. Q., Maux, A. A. B., & Nunes, F. L. (2000, julho). *Environmental concern, anthropocentrism and sustainability:*

- the relevance of a time perspective*. Comunicação apresentada na 16ª Conferência de International Association of People-Environment Studies/IAPS, Paris.
- Pinheiro, J. Q., Gurgel, F. F., Link, M. O., Cortez, A. B. B., Matias, H. J. D., & Pinheiro, T. F. (2005). A Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo como base de indicadores do vínculo pró-ambiental de estudantes universitários [Resumo]. In Comissão Organizadora (Org.), *Anais do IV Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*. Salvador: Departamento de Psicologia da Universidade Federal Bahia e Conselho Regional de Psicologia – CRP-03 (Bahia e Sergipe). Disponível no endereço: http://www.conpsi.psc.br/modulos/programacao/pro_visualiza_atividade.asp?ati_codigo=3630.
- Pinheiro, J. Q. (2005b, 29 de junho). *Perspectiva temporal como correlato psicológico da solidariedade entre gerações*. Comunicação apresentada no Simpósio “Correlatos psicológicos da noção de sustentabilidade”, 30ª Congresso Interamericano de Psicologia, Buenos Aires.
- Pol, E. (1993). *Environmental Psychology in Europe: from architectural psychology to green psychology*. Aldershot: Avebury.
- Pol, E. (2002). The theoretical background of the City-Identity-Sustainability Network. *Environment and Behavior*, 34, 1, 8-25.
- Schmuck, P., & Schultz, P. W. (2002). *Psychology of sustainable development*. Dordrecht, Holanda: Kluwer.
- Sommer, B., & Sommer, R. (1997). *A practical guide to behavioral research, tools and techniques* (4ª ed.). Nova York: Oxford University Press.
- Stokols, D., & Altman, I. (Orgs.). (1987). *Handbook of Environmental Psychology* (2 Vols.). Nova York: Wiley.
- Thompson, S. C. G., & Barton, M. A. (1994). Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. *Journal of Environmental Psychology*, 14, 149-157.
- Uzzell, D., & Romice, O. (2003). L'analyse des expériences environnementales. In G. Moser, & K. Weiss (Orgs.). *Espaces de vie* (pp. 49-84). Paris: Armand Colin.
- Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: a valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 6, 1271-1288.

Recebido em: 04/03/2006. Aceito em: 16/05/2007.

Agradecimentos:

Os autores agradecem ao CNPq, pelo apoio financeiro a projeto de pesquisa e bolsa de produtividade em pesquisa para o primeiro autor; à UFRN, pela bolsa de iniciação científica ao segundo autor; aos alunos, professores e dirigentes dos cursos envolvidos, pela participação; a Ana Beatriz B. Cortez, Fernanda F. Gurgel, Hugo J. D. Matias, Mônica O. Link e Valdíney V. Gouveia, por variadas formas de contribuição ao projeto de pesquisa do qual este relato é parte.

Notas:

* Versão preliminar deste trabalho foi apresentada no IV Congresso Norte-Nordeste de Psicologia (maio/2005, Salvador/BA), sob o título *A representação de cuidado ambiental por estudantes universitários e sua relação com outros indicadores de pró-ambientalismo*.

Autores:

José Q. Pinheiro – Doutor em Psicologia Ambiental pela Universidade do Arizona (Tucson/EUA). Professor nos cursos de Mestrado em Psicologia da UFRN e de Doutorado Integrado UFRN-UFPB de Psicologia Social. Pesquisador do CNPq. Coordenador do Grupo de Estudos Inter-Ações Pessoa-Ambiente (Diretório CNPq).

Thiago F. Pinheiro – Psicólogo formado pela UFRN. Foi bolsista de iniciação científica durante a realização do estudo.

Endereço para correspondência:

JOSE Q. PINHEIRO
Caixa Postal 1507
CEP 59078-970, Natal, RN, Brasil
Fone/Fax: (84) 3215-3590
E-mail: pinheiro@cchla.ufrn.br